3.º Anno — DOMINGO 8 DE MAIO DE 1910 — N.º 20

CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

CRISE MORAL

Temos feito muitas vezes a seguinte afirmação—a crise da sociedade portugueza é essencialmente moral. Mas nunca, como no actual momento, sentimos tão profundamente esta verdade.

Desesperâmos, ha muito, do resurgimento nacional, por impulso dos partidos que tem governado o paiz. De mais são já os factos reveladores da sua absoluta incapacidade administrativa, politica, educativa. Alguns até de caracter criminoso —como os adeantamentos.

Por algum tempo, todo o mal pareceu-nos concentrado nos politicos. Quantas vezes nós pensámos—com tal gente é impossivel a nação salvar-se.

Quando mataram D. Carlos, disse-se que o novo reinado seria—a monarchia nova. Vimos logo que era errada a denominação. O rei, só por si, nada faria, por melhores que fossem as suas intenções. A monarchia velha havia de continuar, com todos os seus erros e com todos os seus crimes, desde que não lhe mudassem os serventuarios.

Não era preciso ser propheta para assim o julgar. A conclusão estava dentro da mais simples e clara logica. E não desatámos a gritar por uma mudança de regimen, apenas por que não confundimos forma de governo com governantes.

Mas a desmoralisação do poder necessariamente devia reflectir-se no paiz inteiro e nós começavamos a senti-lo.

A decadencia tornava-se social. Todo o organismo estava affectado—embora existisse no poder o foco de infecção. O exemplo, vindo do alto, dominador e fecundo, fructificava.

O regicidio foi um dos factos que concorrerem para que esta opinião se fixasse definitivamente no nosso espirito.

A morte de D. Carlos não entristeceu os seus concidadãos. Não fez verter lagrimas, não despertou sequer palavras de piedade.

Ninguem pranteou D. Carlos—porque elle se tornara nos ultimos tempos da sua vida uma figura odiosa. A sua morte, nos primeiros momentos de allivio profundamente sentido, ao dissipar-se a athmosphera de mal-estar, de terror, em que se asfixiava, arrancou de muitas almas generosas palavras de sympathia pelos regicidas. Mas, recuperada a serenidade, e visto o facto á distancia de dois annos, ninguem o deveria applaudir.

Não acontece assim. Por um lado, ha quem exalte, a cada momento, a memoria dos que o praticaram; e, por outro, os que mais ostensivamente se indignam contra este procedimento não são sinceros. A sua indignação é apenas uma arma politica. Facil é prova-lo: revoltam-se contra a violencia do regicidio, que os republicanos applaudem, mas não resistem a reclamar contra estes as maiores violencias.

Uns e outros manifestam falta de senso moral.

Mais factos ainda, muitissimos, e alguns revelados bem recentemente, nos convencem de que a desmoralisação affecta toda a sociedade portugueza.

São d'isso manifestação evidentissima—as cartas-Hinton, o caso do Credito Predial, as innumeras syndicancias que estão a correr, a orientação, os processos, a linguagem d'uma grande parte da imprensa.

O quadro, como se diria em linguagem pathetica, é lancinante.

Chega-se a desesperar de que o paiz resurja e sente-se vontade de mudar de meio, para fugir ao contagio.

E' o que fazem os homens verdadeiramente honestos: isolam-se, dominados pelo desalento, ou dispostos a levantar serenamente contra a onda avassaladora a muralha forte que se chama—educação.

A este trabalho se dedicam devotadamente alguns espiritos, aproveitando todas as energias nacionaes, despertando-as e orientando-as.

E é do enthusiasmo e da fé com que apostalisam a sua causa que se alimenta a nossa esperança de que Portugal não está irremediavelmente perdido, apesar da assombrosa crise moral que atravessa.

Ha physionomias que, ao primeiro aspecto, se abrem e alegram, ha outras que se fecham e contristam ou espantam.

Pelo Amor tudo se vence, tudo se crê, tudo se espera, tudo se soffre.—*Gerson.*

Ha paes que não teem amor aos filhos; não ha porem um só avô que não adore o seu neto.

Todos os racciocinios do homem não valem um só sentimento da mulher.—*Voltaire.*

GAZETILHA

Ricaço d'aspecto nobre,
Todo cheio de honrarias
A que jus lhe dava o *cobre*,
Num grupo affirmava ha dias:
—Eu salvei da morte um pobre.

—Bravo amigo! Conte á gente
A proeza commettida;
E' sempre conveniente
Que de todos conhecida
Seja acção tão eminente.

—Perguntei-lhe o que faria
Se uma nota alguem lhe desse
De dez mil reis?!
—Ai! morria,
Rico senhor, se tivesse
Tal esmola, de alegria!

—Com pena d'elle, coitado,
Recolhi prestes então
A nótinha com cuidado
Que já levava na mão
Para dar ao desgraçado.

E assim, está-se a ver bem
Que o mendigo se salvou.
—E depois, deu-lhe um vintem?
—Isso sim! Eu cá não dou
Tal miseria a ninguem.

7-5-910.

EL-VIDALONGA.

NOTAS LIGEIRAS

REGICIDIO

A *Palavra*, jornal catholico do Porto, escreve a proposito das ultimas noticias que os jornaes deram sobre o regicidio:

«Voltaram os jornaes, ha dias, a tratar com insistencia do regicidio, apresentando noticias sensacionaes sobre a descoberta dos auctores do hediondo crime.

Não era preciso muito estudo para se reconhecer logo á primeira vista que estavamos em presença de puras phantasias.

Como se poderia admittir que o sr. juiz de instrucção andasse a declarar tudo quanto fazia ou tencionava fazer?»

Pouco adeante, esquecendo as censuras que acabava de fazer aos jornaes alviçareiros, accrescenta:

«Contra o Ramires é que se vão accumulando as provas.

Sabemos que uma testemunha que presenceou o crime, chamada a depor, e com o Ramires não tinha relações, reconheceu-o logo entre muitos outros como tendo tomado parte no assassinato.

A *Palavra* garante a veracidade d'estas noticias.»

Mas... se *Palavra* não phantasia, logicamente se conclue que o sr. juiz de instrucção criminal abre para ella uma excepção. E servindo-nos das proprias palavras do diario portuense, nós perguntamos: como se pode admittir que o sr. juiz de instrucção ande a declarar... á *Palavra* tudo quanto faz?

A IMPRENSA

O *Portugal*, fallando do partido republicano, a proposito do congresso que este realisou, ultimamente, na capital do norte, escreve:

«Ha, provavelmente, por lá honrosas excepções. Em toda a parte ha excepções. Mas essas, como sempre, só servem para confirmar a regra. E conhecendo eu algumas d'ellas, a mim mesmo pergunto ás vezes, porque é que ainda esses lá estão... Quer-me parecer que isso só se explica por medo. Teem medo da imprensa republicana, que faz da calumnia e da infamia as suas melhores armas. Quem passar da monarchia para a republica, embora cheio de defeitos, embora coberto de pustulas, embora lazarento da alma e da dignidade, é recebido com as honras e os applausos que se tributam aos benemeritos, aos grandes caracteres immaculados, aos espiritos superiormente dignos. Os que de lá sahem, n'um gesto de pudôr offendido, n'um movimento de revolta indignada, n'um irrepremivel estremecimento de nojo, são immediatamente cobertos dos mais grosseiros epithetos, já são velhácos, já são deshonestos, já são ladrões. Eram talentosos? Passam á cathegoria de burros! Eram honestos? Descêram á fileira dos velhacos! Eram bons? Passaram a ser perversos!

Mas não seria intenção do *Portugal* retratar a grande maioria dos jornaes portuguezes, incluindo-se a si mesmo no rol, e pondo á cabeceira d'este «o grande pamphleto, cuja obra de purificação social nunca será sufficientemente encarecida e que se chama *Povo d'Aveiro*»?

INTELLECTUAES GANDAREZES

. . . . . .

No poderoso movimento intellectual moderno, as ideias germinam no mysterioso arcano dos cerebros geniaes e lá se precisam e tomam fórma, até que pelo seu intimo poder d'expansão, veem a cahir no dominio das turbas intellectuaes, que absorvendo-as com avidez as fazem depois encarnar, de modos variadissimos, em applicações praticas de effeitos immediatos para o progresso e aperfeiçoamento humano.

A este grandioso movimento chama-se vulgarmemte o *commercio das ideias*. E quem são afinal os commerciantes d'esse trafico superior? São aquelles individuos que, armazenando no espirito um stoc avultado de conhecimentos anteriores, procuram diariamente informar-se, estar ao par do pensamento contemporaneo nas suas indagações audaciosas: são os *intellectuaes* como vulgarmente se lhes chama hoje.

O *intellectual* é portanto o individuo a quem a sorte permittiu o supremo bem da illustração, e a quem consente que, mais amiudadas vezes, affaste o seu espirito dos cuidados propriamente materiaes da sua occupação social, para o deixar experimentar os prazeres delicados do *Livro*, da *Revista*, do *Jornal*, no exercicio da suprema funcção humana—o pensar.

E este individuo, por viver habitualmente num meio acanhado, deverá guardar zelosamente no cerebro o seu fornecimento de ideias—deverá occultar aos desprotegidos as suas maravilhosas riquezas *intellectuaes*, como se ellas não fossem o legitimo patrimonio de toda a gente? Não! deve antes fazer-se um instrumento de vulgarisação;—e se o fizer sinceramente, sem qualquer intenção reservada de predominio ou vaidosa ostentação—se o fizer como cumprimento do dever social de repartir com os outros o que possui superfluamente e de que elles tanto carecem—se vier no *Livro, no Jornal ou na Conferencia publica* offerecer aos ignorantes algumas noções que possam elevar-lhes o espirito dissipando-lhes a ignorancia, afugentando os preconceitos—esse individuo emfim cumpriu o supremo dever do homem para com o seu semelhante.

E' precisamente por nas aldeias não haver academias nem centros litterarios e scientificos com mestres pagos pelo Estado—por não haver instituições especialmente destinadas á diffusão d'esse conhecimento racional do Universo que se chama *sciencia*—é precisamante por isso que a iniciativa individual é infinitamente louvavel, impondo-se como um dever de alta solidariedade moral—é a manifestação mais subida d'aquella virtude civica que todos devem praticar em attenção á dignidade humana: a philantropia.

E' infinitamente mais util e meritorio encarnar uma ideia justa numa consciencia obscura, do que matar a fome a dez famintos;—porque dez estomagos cheios serão dez felicidades momentaneas—mas um cerebro illuminado tem um valor potencial incalculavel, que póde transmittir-se multiplicado a futuras gerações, e promover um enorme accrescimo do bem-estar geral.

Dir-me-hão que os *intellectuaes* pregam no deserto—porque o povo rude não póde com proveito ouvir as prelecções—mas a objecção não me convence: falle-se primeiro a um pequeno numero e estes por sua vez fallarão a outros e estes a outros, e assim irão recuando os limites da ignorancia.

Tambem as montanhas são de granito e por esse facto o rude mineiro não deixa de as atacar na convicção que ha de finalmente fural-as e arrancar-lhes as preciosidades occultas. Não! Basta-lhe a sua tenacidade e alguns cartuxos de dynamite.

No combate contra a montanha da ignorancia ha tambem enormes difficuldades a vencer,—mas com tenacidade e alguns *explosivos*—as ideias—ella ha-de abater necessariamente para deixar abertos, aos olhos maravilhados dos humanos, os horisontes infinitos de um porvir de felicidade!

Pensar—abrindo o espirito ás impressões do Universo immenso,—cogitar sobre ellas—para augmentar o Patrimonio da Verdade!... *Sentir*—vibrando numa sympathia intensa pelo seu semelhante e olhando todo o mundo numa obscura emoção pantheista!... *Querer*—promover com toda a energia a emergencia do seio da barbarie contemporanea das fórmas supremas do Amôr, da Arte e da Justiça—eis o ideal que deve animar todo o homem moderno—viva elle no centro cultissimo ou numa reles aldeola.

Mario de Vasconcellos.

(Do *Noticias de Cantanhede*).

O 1.º CENTENARIO DE ALEXANDRE HERCULANO

Alexandre Herculano é uma d'essas figuras esculpturaes que, antes de desapparecerem em pó, reapparecem em bronze. Ainda vivo, nos ultimos annos, adquirira na penumbra heroica do seu isolamento como que a immobilidade sagrada d'uma estatua.

Desde o dia em que, velho leão ensanguentado, se retirou d'uma luta sem treguas, que durara quarenta annos, para se ir esconder na benigna e pacificante tranquillidade da natureza, desde esse dia em que para quasi todos começa o esquecimento, começou para Alexandre Herculano a projecção gloriosa do seu genio — a immortalidade. E a sua rude figura valorosa irá successivamente augmentando de proporções á medida que fôr correndo o tempo, esse filtro desapaixonado, que separa a verdade, crystalina, limpida, inalteravel, dos venenos da inveja, das fezes da calumnia, da baba hydrophoba dos rafeiros magros e pestilentos.

Para medir a estatura de Herculano será necessario vêl-o de longe, á distancia de um seculo. As grandes montanhas não se vêem ao pé.

*

Alexandre Herculano, antes de ter pegado numa penna, tinha pegado numa arma. O escriptor não foi mais do que o prolongamento do soldado. Nos seus pamphletos vulcanicos ouve-se a cada momento a denotação formidavel da pesada clavina de pederneira do cerco do Porto. Deu ainda mais tiros com a penna do que com a espingarda. A tinta com que escreveu essas polemicas era feita com o sangue dos adversarios e com o resto da polvora que lhe tinha ficado das campanhas da liberdade. Ás vezes, depois de correr os inimigos a tiro, perseguia-os, lividos, em debandada, ás coronhadas. Defendeu a liberdade contra a tyrannia e contra o jesuitismo, contra o cutello e contra o hyssope.

*

O estylo de Alexandre Herculano é, permitta-se-me a expressão, a onomatopeia do seu caracter: grandioso, leonino, apaixonado. É bronze torcido.

Ás vezes dentro de um periodo ha um ariete. Quando corta é um machado; quando ruge é um trovão. A colera de Herculano é uma espada de fogo e de justiça. Herculano só tinha furias quando tinha razão. Matava um inimigo? Era para salvar uma victima.

A victima era esta — a liberdade. Quando a atacavam, Herculano transformava-se num tigre com a alma de um anjo. Rasgava, esmagava, esfacelava. Ás vezes ria. Os seus sarcasmos fulminantes cahiam sobre os preconceitos, como um caustico sobre uma chaga. Aquelle riso era a gargalhada transformada em azorrague; era a alegria ao serviço da indignação. Quando Herculano se ria d'um adversario, fazia-o chorar.

*

A historia de Portugal era como um enorme palacio desmantelado, com as janellas trancadas, as paredes fendidas pelos raios, cobertas de lepra, e onde ninguem ousara penetrar com medo que desabassem aquelles podres escadarias monumentaes, que contavam já setecentos annos de existencia.

Inspirava terror. Andavam lá dentro lobishomens, apparições lugubres, phastasmas com sudarios. As corujas e os milagres esvoaçavam sinistramente n'aquellas escuridões supersticiosas. Os ratos tinham feito o ninho nas estantes; roiam os archivos. Ouvia-se o piar dos mochos e os assobios das cobras. De quando em quando dizia-se que era preciso restaurar o grande monumento nacional, mas não havia artistas, não havia pedreiros que quizessem aventurar-se ao meio d'aquelles entulhos tenebrosos.

Foi então que appareceu um homem extraordinario—Alexandre Herculano, que abriu a porta d'esse pardieiro monumental, que andou lá dentro durante vinte annos consecutivos a levantar as escadas, a limpar os moveis, a abrir as gavetas, a consultar os livros, a erguer as paredes, os tectos, as columnas, e que, depois de um trabalho incalculavel, sobre-humano, em que elle tinha sido tudo ao mesmo tempo—architeto, pedreiro, carpinteiro, paleographo, limpa-chaminés, depois de ter reconstruido emfim a parte mais deteriorada do edificio, veio á rua dizer com simplicidade aos transeuntes estupefactos: Pódem entrar.

*

E sabeis o que aconteceu?

As cobras que Herculano matára lá dentro não ficaram bem mortas, e abriram corôa, vestiram batina, e foram espirrar o veneno dos pulpitos para baixo sobre a alma mais sinceramente religiosa, sobre o espirito mais verdadeiramente christão que eu tenho conhecido.

As corujas que, sentindo os passos do grande historiador, tinham voado espavoridas, foram poisar nos campanarios e nas sachristias, segredando ao beaterio, — que um desalmado iconoclasta as tinha expulso do ninho em que viviam regaladamente ha mais de setecentos annos.

Os mochos, que sahiram pela janella, quando Herculano entrou pela porta, andaram a piar em voz baixa pelos confessionarios, que aquelle homem devia ser entregue ao odio dos christrãos, já que infelizmente o não podia ser ao baraço da forca.

O milagre de Ourique, desalojado da sua toca subterranea, andou pelas egrejas, pelos campos, pelas furnas, prégou sermões, escreveu artigos, fez communicados, pediu assignaturas, debateu-se emfim como um Tartufo energumeno, a quem acabassem de pôr a calva á mostra.

E os ratos? Esses espalharam-se pela peninsula inteira, fizeram-se curas, missionarios, sachristães, jornalistas, e não satisfeitos de terem roido Herculano durante a vida, ainda agora, depois de morto, apparece um d'esses animaesinhos odiosos e infectos, um velho rato carlista — «El Siglo Futuro» — a enterrar os dentitos anavalhados no cadaver ainda quente do grande historiador portuguez.

Será bom que junto da sepultura de Herculano se mande collocar um prato com arsenico.

*

Foi então que Herculano partiu para Valle de Lobos. Valle de Lobos é o exilio dentro da patria. Emigrou da sociedade para a natureza. O formigueiro humano incommodava-o. A personalidade de Herculano era feita como uma estatua: de um só jacto, de uma só peça. Não comprehendia as nossas transigencias, os nossos oportunismos, as nossas restricções, emfim esta sociedade decadente e utilitaria baseada sobre o interesse, o egoismo, a letra de cambio.

Herculano era da raça dos gigantes de 1830. Depois d'isso viera uma raça de agiotas. Havia mais estradas, mais dinheiro, mais policia, mais tranquilidade, mais conforto, mas o nivel da moralidade, o caracter, esse foi descendo, descendo, até que parou exactamente na linha divisoria em que termina a virtude e começa o codigo penal. Os grandes sentimentos, os rudes heroismos, as nobres abnegações dormiam,—e quem sabe se talvez para sempre!—nas campas obscuras em que estavam deitados os titans da epopeia da liberdade.

Herculano sentia-se só. Elle era no meio de tudo isto como um roble no meio d'uma charneca. Os seus compatriotos davam-lhe pelo joelho. Depois tanto o morderam, tanto o contrariaram, que um bello dia Herculano, que estrangulára pantheras, mas que não estava disposto a catar pulgas, tomou a resolução inabalavel de se recolher dentro do silencio, como dentro de uma fortaleza. Ás vezes de longe a longe ainda se sentia trovejar lá para as bandas de Valle de Lobos. Mas era um momento, passava. Herculano fôro definitivamente vencido. Por quem? pelos pigmeus. O rato matára o elephante.

*

O enterro do primeiro cidadão portuguez foi tão pobre e miseravel, como seria o do ultimo. Os extremos tocam-se. Não censuro a falta de pompa theatral, na magica funebre.

Quem foi simples na vida devia sel-o na morte. Não são os lacaios agaloados que fazem o lucto. O feretro de Herculano tinha obrigação de ser humilde, mas tinha tambem obrigação de ser acompanhado por uma mulher vestida de negro, banhada em lagrimas, que antigamente se chamava patria, e que hoje já não sei bem como se chama, por que nem tenho mesmo a certeza de que ella ainda exista.

Vergonha eterna. A patria não chorou a morte de Herculano; a mãe não chorou a morte do filho. Se ainda aqui houvesse por ventura um forte e grandioso sentimento de nacionalidade, a morte d'esse grande homem, d'esse impecavel cidadão, deveria ter produzido em todos os espiritos um abalo tremendo, um terramoto de angustias.

*

Vae, espirito sublime, que não cabias em Portugal e cabes em sete palmos de terra! vae despir no teu sepulchro ignorado os andrajos ephemeros com que a Providencia veste as nossas almas immorredouras, e, como uma aguia branca e gloriosa, some-te n'essas alturas inacessiveis donde se não podem vêr as grandissimas miserias dos pequenos vermes d'este pequenissimo grão de areia.

E emfim, se os teus compatriotas, á mingua de dôr, por um sentimento de ostentação te quizerem levantar um monumento grandioso, já lhes deixas preparado o material sufficiente para que o possam fazer ainda maior do que a mais alta das pyramides do Egypto. Basta que reunam para isso todas as pedras com que te apedrejaram.

27 de Setembro de 1877.

Guerra Junqueiro.

O cometa de Halley

A Academia de Sciencias de Portugal affirma ao paiz o seguinte:

A Sciencia não mente. Enganar-se, sim, póde. Mentir, nunca!

A Academia de Sciencias de Portugal não iria prejudicar irremediavelmente os seus creditos e os do seu paiz, affirmando principios e deduzindo conclusões que não fossem baseadas no mais rigoroso criterio scientifico.

Pois bem!

O phenomeno da passagem da terra pela cauda do cometa de Halley, annunciado para a manhã do dia 19 do corrente, tem interesse immediato unicamente para os homens de sciencia e, especialmente, para os astronomos.

Muita gente espera aquelle dia, ou antes, aquella noite, para vêr o astro em toda a sua magnificencia.

E' um engano.

Desde o dia 16 ao dia 21 d'este mez, ninguem, entre nós, verá coisa alguma que se relacione com aquelle cometa, pela mesma razão porque ninguem vê astros junto do Sol que os ofusca. Apenas alguma rara e inoffensiva estrella cadente, correndo de um para o outro ponto do céo e deixando perdido o seu rasto luminoso, virá destruir a monotonia da noite, denunciando-nos a existencia de crepusculos cosmicos gravitando pelas immensidades infinitas, e sufficientemente imprudentes para virem queimar-se na passagem pela nossa athmosphera, como a borboleta queima as azas ao atravessar a chama que a atráe.

De resto, as ultimas observações levam-nos a crêr que nós nem chegaremos a ser attingidos pela cauda do astro.

E que fossemos? Que fossemos mesmo roçados pelo seu proprio nucleo, o que nos succederia? Provavelmente—nada.

Nós já chocamos em 1872 com o proprio nucleo de um cometa, e ficamos quites com o magestoso espectaculo de uma chuva de estrellas cadentes, muito mais deslumbrantes e mais inoffensivo do que o dos fogos de artificio em noites de arraial.

Nós já atravessamos em 1861 a cauda de um cometa e ninguem deu pelo phenomeno.

Basta ter a noção do que seja um d'estes corpos celestes, para se vêr, desde logo, que não podia deixar de ser assim.

Compõem-se, como se sabe, de nucleo e cauda.

O nucleo é a parte mais importante.

Para fazer ideia da sua constituição, supponha-se em ponto muito maior, tão grande quanto a imaginação possa abraçar com os termos de comparação ao nosso alcance, supponha-se uma d'essas nuvens de mosquitos que, numa tarde de verão, enxameiam junto da agua estagnada. Supponha-se que as dimensões d'estes variam da poeira insignificante á grandeza de tremoços, á de bolas de bilhar, e, finalmente, á de elementos com algumas toneladas de peso; mas em numero tanto maior quanto menores elles forem. Ter-se-ha assim uma grosseira ideia do que seja o nucleo de um cometa.

Imaginemos agora um corpo constituido d'esta forma, correndo velozmente atravez do espaço e encontrando a terra no seu caminho. E' facil de prever o que succederia. Cada um dos seus componentes era como que um projectil, animado de velocidade tal, que, ao penetrar na nossa athmosphera, se manifestaria como estrella cadente, consumindo-se pelo incendio, como faisca tirada de pederneira, e augmentando a massa do nosso globo com as cinzas resultantes da sua combustão.

Pelo que respeita á cauda não será talvez difficil encontrar-lhe phenomeno comparavel.

Todos teem visto, num dia sereno, levantar-se no horisonte um fumosinho tenue e que se esvai, esbate e perde na limpidez da athmosphera. Pois a cauda de um cometa é em tudo semelhante: uma emanação saída do nucleo e perdendo-se na vastidão do espaço.

Apenas, como differença, sabe-se que aquelle provém de algum fogo ou casal, na lucta diaria e constante pela conservação da vida; ao passo que esta se suppõe provir de forças, ainda apenas entrevistas, dimanando do foco central donde irradia o movimento e a vida—o Sol. Mas, em compensação, observa-se que a sua tenuidade e a sua subtileza são tão grandes, que em presença d'ellas, o ar que respiramos é mais compacto do que o aço comparado com a nossa propria athmosphera, que assim nos protege como couraça absolutamente impenetravel.

Para vêr, pois, se ha realmente alguma razão para temer a approximação do cometa de Halley, basta notar:

AS FESTAS DE NAZARETH

II

(CONTINUAÇÃO)

A dança d'elles é magnifica! Compõem passos e inventam attitudes e tempos. Pulam! saltam! e riem de si mesmos! Têm tudo quanto falta aos dançarinos de profissão... mas tambem falta-lhes tudo quanto elles têm, e é provavel, que, se estudassem, perdessem o merecimento!...

Emquanto as mulheres lhes dançam em redor, os jogadores de pau serenam a furia bellica, e assistem, encostados aos varapaus, a este recreio das artes bellas; danças em sua honra e em seu louvor, especie de apotheose, a que assistem pelos seus proprios olhos, mais felizes que os Cesares romanos que só se tornavam deuses... depois de comerem cogumelos!...

A moda, está estragando a fórma; e uns poucos de peixeiros de Peniche, que estiveram ao pé de mim no largo, durante a lucta de varapau, pareceram-me com a sua meia calça larga, a sua perna nua, a sua camisola ampla, e o seu gorro vermelho na cabeça, entes singulares e magnificos, superiores cem vezes em elegancia ao maior numero dos meus amigos do Marrare, de pé comprimido e cera no bigode.

Quando os foguetes e os sinos davam o signal da entrada de um cirio, todo aquelle povo corria numa onda immensa, e ia collocar-se no sitio do transito, para assistir de perto ás tres voltas do estylo.

Então, a atmosphera aquecia pelo halito ardente de milhares d'almas que se apinhavam ali!

A romaria desfilava pela praça, e girava tres vezes em roda da egreja!

A musica rompia a marcha, e os anjos encetavam o cortejo. São tres creanças de calção de meia, manta bordada e gorro de paladino, que se aguentam em cima dos seus cavallos, e guardam os pés em enormes estribos de pau!

Num guincho enorme, prolongado, sem cadencia e sem melodia, estes tres meninos desprendem a voz e *deitam as lôas*. A harmonia é tão maviosa, que até o povo, na sua phrase caracteristica, não se atrevendo a chamar áquillo cantar, nem recitar, nem declamar, chama-lhe «deitar».

Agora já nossos olhos
Vêm de perto a habitação,
A sympathica mansão
Da linda flôr de Jessé.
Parabens, nobres romeiros,
Graças a Deus e a Maria,
Nossa estrella e nossa guia,
Chegamos a Nazareth!

O povo ajoelha, escuta e applaude.

Segue-se a berlinda, que conduz a imagem de Nossa Senhora, adornada de cordões de oiro, pedras preciosas, fitas, flôres, franjas de prata.

Na sege immediata vae o sacerdote, que distribue ao povo as lôas do anno. A multidão precipita-se sobre os cavallos e sobre as rodas, num fervor christão, que se não conta!

Eis, porém, a traquitana em que o senhor juiz e a senhora juiza se expõem á publica admiração,—elle com a sua gravata alta, um collete de velludo de todo o preço, a casaca preta do casamento, boa calça de presilha, e collarinhos no estylo classico da vela grande da nau *Centauro*,...—ella, de vestido decotado, com folhos em abundancia,

1.º Que o nucleo d'este astro nos passa á distancia minima de 23 milhões de kilometros, e que, portanto, são tantas as probabilidades de vir ao encontro do nosso globo, como probabilidades ha de um expresso norte-americano vir chocar com o rapido do Porto.

2.º Que seria tão absurdo temermos qualquer perigo proveniente da passagem pela cauda de um cometa como estarmos em um quarto forrado de aço com kilometros de espessura, e receiosos que o vento nos perturbasse, ou que particulas arrastadas por esse vento atravessassem os póros de todo aquelle aço e viessem produzir acções toxicas sobre o nosso organismo.

Finalisando:

A Academia de Sciencias de Portugal não póde deixar de protestar contra os abusos de credulidade popular, tendentes a cultivar o alarme geral, e que só poderiam perdoar-se quando fundamentadas na ignorancia o que nem por isso, deixaria de ser altamente lamentavel e profundamente triste.

A magnificencia de Deus reconhece-se nas manifestações variadissimas da Natureza, e o engenho do homem na comprehensão dos preceitos que as regulam.

Lisboa, 1 de maio de 1910.

NOTICIARIO

Morte do Rei Eduardo—Falleceu na sexta-feira o rei da Inglaterra Eduardo VII, que, tendo succedido á sua mãe, a rainha Victoria, reinava desde 24 janeiro de 1901.

A morte do illustre monarcha foi quasi inesperada, pois embora tivesse adoecido com um resfriado contraído em Biarritz, o seu estado parecia não offerecer gravidade.

O Rei, a rainha D. Amelia, e o Principe D. Affonso telegrapharam para Inglaterra, mal souberam a noticia da morte do Rei Eduardo. O mesmo fez o ministro dos estrangeiros, em nome do governo.

Deve seguir hoje para a Inglaterra o rei D. Manuel II e o sr. Eduardo Villaça, ministro dos estrangeiros.

Concurso—Realisam-se no dia 30 as provas do concurso para recebedores.

Cometa d'Halley—Para destruir o terror que se apoderou d'alguns povos do norte, a proposito do cometa d'Halley, o governo mandou fazer tiragens d'alguns milhares de exemplares da conferencia realisada pelo capitão d'artilharia sr. Mello Simas, na Academia de Sciencias de Portugal, para serem distribuidos naquella região.

Escola Secundaria de Cabeceira de Bastos—Foi extincta a escola municipal secundaria de Cabeceiras de Basto, ficando o unico professor nomeado ao abrigo do decreto de 24 de setembro de 1904 na situação de addido, sendo collocado em qualquer lyceu até haver vaga em que seja provido. O archivo da secretaria da escola ficará entregue á guarda e responsabilidade do reitor do lyceu de Braga.

Theatro—A illustre atriz Lucinda Simões organisou uma *troupe* de artistas dramaticos para, durante o verão, realisar espectaculos nas provincias.

Da *troupe* fazem parte, alem da notavel actriz, os artistas Christiano de Sousa, Maria del Carmen, Judit Mello, Pinto Costa, Cesar de Lima e outros.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

S. João de Loure, 4

(PARTICULAR)

A filhinha do meu amigo Manuel Dias d'Andrade, a cujo baptisado me referi na minha ultima correspondencia, chama-se Celeste, e não Esther, como por lapso noticiei.

—Realisou-se, no dia 1, a tradicional festa do Pica-boi. Não foi tão concorrida, como se esperava, por no mesmo dia se realisarem outras festas nos logares proximos.

No arraial, de tarde, travou-se desordem entre alguns rapazes d'aqui e outros de Frossos, sendo preso o sr. Manuel Paiva, mais tarde posto em liberdade, por se averiguar que nenhuma culpa tinha.

—Partiu para o Porto o nosso amigo e digno correspondente do *Correio do Vouga* sr. Manuel Dias d'Andrade.

—Têm passado bastante incommodados os srs. Joaquim e Francisco Dias de Rezende e a sr.ª Maria José d'Almeida.

Muito estimamos que se restabeleçam depressa.

—Tambem tem passado bastante incommodado, com um ataque de grippe, o sr. João Rodrigues Correia de Mello, cujo restabelecimento sinceramente desejamos.

—Nos tres primeiros dias da semana realisaram-se as costumadas preces e ladainha. Tambem já começaram, na capella da Senhora do Livramento, as novenas do Coração de Maria.

—Queixa-se o sr. Joaquim Sequeira de que lhe furtaram duas gallinhas e uma manta no valor de 1:000 reis.

Aponta-se como auctora da proeza a sr.ª Maria d'Almeida, mais conhecida por a *Chicoria*.

Vê-se, por aqui, que a roubalheira continúa desenfreada. E as auctoridades a dormirem...

—Foram, em passeio, ao Bussaco, os srs. Francisco e Augusto Nunes Baeta, acompanhados de suas esposas.

—As videiras estão lindas. Parece que teremos um anno abundante de vinho.—*Melicias.*

Alquerubim, 5

Falleceu esta noite pelas 10 horas, repentimente, a sr.ª Maria da Silva, viuva de Antonio da Silva, e sogra do abastado proprietario agricultor, o sr. Domingos Lopes de Oliveira, do logar de Calvães, d'esta freguezia, em companhia do qual vivia. Contava cerca de 80 annos.

A seus filhos e genro acompanho na sua dôr.

—Os pobres luctam com muita difficuldade para comprar milho, não só por estar muito caro, 900 reis os 20 litros, como por não haver quem o venda.—C.

Barreiro, 5

Uma coisa me desconsola, ao abrir alguns jornaes que habitualmente leio: não encontrar uma noticia da minha saudosa terra natal — Frossos. Os meus conterraneos que nunca de lá sahiram não comprehendem esse sentimento de tristeza, e por isso talvez acolham com sorriso desdenhoso as minhas palavras. E' que para se sentir verdadeiramente amôr á terra onde nascemos e passámos os primeiros annos da vida, é preciso ter soffrido as provações do exilio.

Comprehendem lá os meus conterraneos, que nunca deitaram pé fóra do patrio lar, o alvoroço com que quem está ausente da sua terra abre o jornal, que julga mensageiro de noticias d'ella!

Por isso eu d'aqui exorto alguns dos meus conterraneos mais briosos a que registe nas columnas d'um semanario, ao menos, os factos mais importantes que se fôrem dando nella; a que mate áquelles que, como eu, andam por longes terras, as vivas saudades que sentem da sua paysagem e da sua gente.

O que o fizer bem merece o nome de benemerito, porque não satisfará apenas a anciedade dos que vivem ausentes, mas fará entrar a nossa terra, agora isolada e esquecida, no caminho da civilisação.

Julio Gonçalves Rodrigues.

Troviscal, 5

Por se referir a um assumpto muito grave e que deveras interessa a esta freguezia, transcrevo do ultimo numero do jornal «O Ideal». que se publica em Oliveira do Bairro, o seguinte, chamando a attenção dos interessados para o que vae lêr-se:

«Na estação do caminho de ferro d'esta villa (Oliveira do Bairro) teem-se ultimamente levantado alguns vagons de vinho proveniente da região de Torres Vedras.

Este vinho é mandado dar um passeio de alguns kilometros—*para tomar ares da Bairrada* e assim se ficar denominando, em seguida é embarrilado e novamente para ali volta, para a mesma estação do caminho de ferro, sendo despachado com destino ás Terras de Santa Cruz!

E' espantoso, não?

E nós continuamos a ter as nossas adegas quasi cheias ainda, tendo vendido por uma insignificancia meia duzia de almudes, não sabendo quando e por quanto venderemos o restante. Todavia as despezas com a futura colheita já ha muito que principiaram e vão continuando. E não ha dinheiro. A miseria alastra-se e a fóme approxima-se».

Não ha duvida nenhuma. Nesta desgraçada epoca, que vamos atravessando, não ha o minimo respeito pelas leis nem pelos interesses alheios. Tudo se sacrifica a um criminoso egoismo.

—No visinho logar da Povoa do Forno, reatisou-se, no ultimo domingo, a festa de Santo Antonio, que foi muito concorrida, como é costume todos os annos Assistiu a musica dos Covões (Cantanhede).

—Por aqui quasi que se não dorme com medo da proxima apparição do cometa Alley.—Gil.

Ois da Ribeira, 1

Como prometti, na minha ultima correspondencia, vou referir-me á construcção da ponte sobre o Agueda.

Para tratar de todos os assumptos relativos a este importantissimo melhoramento, foi eleita pelo povo a seguinte commissão: Padre Bernardino dos Santos Silva, presidente; Luiz Maria d'Almeida, vice-presidente; José Tavares da Silva, thesoureiro; Joaquim A. Tavares da Silva e Cunha, 1.º secretario; Joaquim Pereira da Conceição, 2.º secretario; Jacintho Mattos dos Reis, Manuel Marques Mauricio, Antonio Bernardino dos Reis, Antonio José da Costa, Diamantino Francisco da Silva, José Ferreira Alves de Carvalho, Manuel Bernardino dos Reis, Manuel Filippe Loures, Joaquim A. Soares de Freitas, Manoel Maria de Carvalho, Silverio Tavares Pinheiro, Manuel Maria T. da Silva e Albano Joaquim d'Almeida, vogaes.

Foi eleito por unanimidade presidente honorario o sr. Dr. Joaquim Carvalho e Silva.

Constituida a commissão encerraram-se os trabalhos no meio de grande entusiasmo.

—Trabalha-se activamente na reparação da Rua do Cabo. Anda á frente dos trabalhos o nosso bom amigo Manuel Filippe Soares que está sempre prompto a sacrificar-se pelo bem da sua terra.

—Tem-se desenvolvido muito, ultimamente, o *mildiu* nas videiras e nos batataes. Todos tratam de combate-lo com a calda bordaleza.

—Informam-me de que ha por ahi quem se emprega no mister pouco honroso de pescar por meio de... *coca!*

Representa isto um crime e não de pequena gravidade.

Seria muito para louvar que as auctoridades procedessem com todo o rigor da lei.—*Juvenal.*

Coimbra, 5

Já começaram e proseguem com muita actividade os trabalhos da tracção electrica.

—Agradou-me muito o artigo—Questão do dia—publicado no ultimo numero do *Correio*. Todos os jornaes se tem occupado do mesmo assumpto—Cartas—Hinton—mas poucos o tem feito com independencia e nobreza.

—Coimbra tem sido visitada, ultimamente, por grande numero de estrangeiros que ficam maravilhados com a paysagem inédita dos seus arredores.

Joaquim de Vasconcellos.

Azurva, 28

(RETARDADA)

No dia 20, deu á luz uma creança do sexo feminino, que morrreu mal nasceu, a sr.ª Rosa Martins d'Oliveira, esposa do sr. Augusto da Silva Oliveira, naturaes de Aguas Boas (Oyã), mas aqui residentes ha alguns mezes.

O sr. Oliveira está muito reconhecido a todas as pessoas que se encorporaram n ofuneral da sua filhinha que foi vestida pela menina Anna Rosa Marques, gentil filha do nosso amigo sr. Luiz Marques.

—Os gatunos continúam a fazer das suas. São, agora, queixosos o sr. José Migueis e a sr.ª Julia Nunes Marques. A esta furtaram varias peças de roupa e áquelle, milho e feijão.

Segundo nos informam, desconfia-se de quem sejam os auctores das proezas. Não seria mau, talvez, manda-los prender para averiguações.—C.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de substencia.

Transporte . . .	*166$050*
José Rodrigues Laranjeira .	*500*
Somma	*166$550*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha; em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

A B C Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

JOSÉ MARIA RODRIGUES, d'Eixo, encarrega-se de funeraes, fornecendo caixões com a maxima promptidão, para todos os preços e para todos os gostos, e côres de flôres artificiaes, além de muitos outros artigos funerarios.

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

PHARMACIA

ARISTIDES DE FIGUEIREDO

EIXO

SERVIÇO PERMANENTE

Esta nova pharmacia, modernamente montada, encontra-se, desde já, habilitada a poder aviar quaesquer prescripções da antiga ou moderna therapeutica.

Grande reducção de preços, a prompto pagamento.

mangas de tufos, brincos de palmo e meio, dezesete cordões de oiro ao pescoço, coisa de trinta pulseiras em cada braço, toucado de flôres e fitas de pinto a vara, sapato aberto de setim branco, e lenço bordado na mão com pontas arrendadas, representando emblemas delicados, á maneira de corações, settas, lyras e mais galanterias!...

Durante o transito o povo está em montão, em pilha, em cogúlo. Ninguem falla! Ninguem se meche! Ninguem respira! As moscas fogem... por não terem logar!

Tão depressa cáe a noite, varre-se a praça, e corre toda aquella gente para o theatro, sequiosa, insaciavel de espectaculo! Eu fui tambem, ávido de côr local, assistir á representação do *Milagre da Senhora de Nazareth*, oratoria de grande espectaculo.

Este *Milagre da Senhora de Nazareth* fez-me recordar uma aventura de jornada.

Uma occasião, — dirigia-me eu a Durruivos, a visitar minha mãe — encontrei na estrada uma companhia ambulante. Um parenthesis é necessario aqui para lhes descrever uma companhia volante em marcha: o parenthesis, porém, tornar se-hia longo pela descripção: faça-se a descripção sem o parenthesis.

Imaginem seis ou oito carros, carregados a não poderem mais com bagagens russas e velhas, trouxas em lenços rotos, caixas de papelão sem tampa, canastreis, saquinhos, uma cabelleira que havia esquecido, e que vae pendurada num foeiro, ao pé de um corpete de papel prateado e de umas barbas postiças! Reunem-se os carros num ponto dado, e, como sejam de differentes donos, principiam as mulas aos cumprimentos, que é um inferno de berraria! Cada guincho diz *um!* e vale por... dois. Então, principia o pae cauteloso com admoestações, para que não lhe pisem o menino, que é quasi da edade do pae: surde uma velha a pedir que evitem similhante bulha por causa de sua filha, uma ingenua idosa, que corre risco de se assustar: os arrieiros praguejam, os actores gritam, os circumstantes indignam-se, as mulas dão coice, os pequenos da visinhança querem ir vêr o caso ao perto, as mães gritam, as creanças choram! A caravana parte, emfim: não se vê senão homens embuçados, amarrando os queixos: mulheres com capas, chaile por cima da capa, outra capa por cima do chaile, sete lenços na cabeça e a competente touca de lã — distinctivo da actriz ambulante! E não se ouve então, senão o rodar dos carros; este ou aquelle a *petiscar* lume, o *galan* a bichanar com a *ingenua*, o *barbas* com a lacaia, o *pae nobre* com *a mãe nobre*, o ponto com o *vegete*.

Fizemos jornada juntos durante uma legua. Planeei logo um grande espectaculo para aquella gente ganhar mundos e fundos, que pareceu encantal-os. — «Os senhores devem encarregar alguem de lhes escrever uma oratoria, que tenha por titulo: — *O Milagre da Senhora de Nazareth!* A peça deve ter dois actos e uma *mutação á vista* no final, representando a ultima scena uma enorme e alcantilada serra, o cavalheiro da lenda partindo a todo o galope, sumindo-se um instante atraz de uns rochedos, e apparecendo depois ao longe no cimo da serra uma contra-figura, num cavallo de pau, suspenso sobre o abysmo, como a tradição conta que ficára o indomito cavallo, que ia arrojar no precipicio o cavalleiro, que a Senhora da Nazareth salvou!»

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaccastigará todos os typos que representam a tyrannia, a explora: ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE CARVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar
Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares.
Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

3.º ANNO—N.º 20

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . .	10 reis
Communicados, cada linha . .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.

.....

.....